

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# MÉRTOLA NA ANTIGUIDADE TARDIA. A TOPOGRAFIA HISTÓRICA

Virgílio Lopes<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho inscreve-se numa linha de investigação arqueológica que tenho vindo a desenvolver, desde 1990, no Campo Arqueológico de Mértola.

Os resultados são fruto de diversas campanhas de escavação que tenho levado a cabo como corresponsável, integrado na equipa da instituição e que, de uma forma ininterrupta, em muito têm contribuído para o conhecimento da cultura material e da topografia histórica da cidade de *Myrtilis* e do seu território na Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: *Myrtilis*, Complexo religioso, Antiguidade Tardia, Mértola, Portugal.

## ABSTRACT

The theme of the present work is part of an archaeological research that I have been developing since 1990 in Mértola's Archaeological Centre.

The results are the outcome of several archaeological excavation I have carried out as co-responsible, integrated into the institution's team, and that has greatly contributed, on a continuous basis, to the knowledge of the material culture and historical topography of the city of *Myrtilis* city and its territory in Late Antiquity.

Keywords: *Myrtilis*, Religious complex, Late Antiquity, Mértola, Portugal.

## 1. INTRODUÇÃO

A história do burgo de Mértola foi, desde sempre, fortemente condicionada por dois factores que moldaram a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a sua localização estratégica: implantado no topo de uma elevação ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuía excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, o ser ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana: a montante da vila, o acidente geológico do Pulo do Lobo, com um desnível de catorze metros, impede a progressão de embarcações para norte, pelo que Mértola adquire importância fundamental como último porto de acostagem. Esses factores tornaram-na num importante entreposto mercantil, em permanente contacto com um vasto território interno e com o Mar Mediterrâneo. Pelo porto da cidade escoavam-se, por exemplo, o ouro, a prata e o cobre extraídos das entranhas da faixa piritosa ibérica, em particular

os minerais provenientes das minas de S. Domingos, localizadas na margem esquerda do Guadiana, de *Vipasca* (Aljustrel) ou dos «chapéus de ferro», explorados na zona a Oeste de Mértola. E, claro está, ao porto arribavam as gentes de mil paragens e os mais diversos produtos e artefactos (Figura 1). Mértola foi, sem dúvida, o porto de *Pax Iulia*, e possivelmente, na Antiguidade Tardia o porto de Mérida. Na Antiguidade Tardia, *Myrtilis* manteve a sua importância económica e vocação mercantil. Os dados arqueológicos revelam que a atividade do porto de Mértola não decaiu e, a atestá-lo, estão as diversas importações de cerâmicas do Mediterrâneo oriental. A cidade, em si mesma, era a placa giratória das riquezas comerciais e minerais, que atravessavam o território em carroças ou no dorso de animais e, já embarcadas, desciam até ao mar e daí aos portos mediterrâneos. No sentido inverso chegavam mercadorias exóticas, múltiplos artigos provenientes de outras paragens, bem como outras gentes, com as suas linguagens, cultos e culturas. Este constante vaivém

1. Campo Arqueológico de Mértola, Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património, Bolseiro Pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; virgilioamlopes@sapo.pt

Mapa de Nélia Romba, Campo Arqueológico de Mértola; Desenhos da Torre do Rio de Carlos Alves.

trouxo os primeiros evangelizadores e a nova mensagem começou a florescer entre os patrícios e plebeus da *Myrtilis* romana, numa época em que o culto se oficializava e as várias comunidades religiosas podiam conviver simultaneamente (Figura 2).

As referências documentais da cidade e do seu sistema de defesa são escassas e resumem-se à Crónica de Idácio que refere que «Censorius comes, qui Legatus missus fuerat ad Sueuos, rediens Martyli, obsessus a Rechila in pace se tradidit» (Idácio, 1984, p. 82). O texto permite deduzir a existência de uma fortificação importante em Mértola, em 440 que, ao ser escolhida por *Censorius* como refúgio, demonstra a capacidade para resistir, durante algum tempo, ao cerco de Requila. A presença sueva, referida por esta fonte, deve ter sido efémera, não tendo ficado qualquer vestígio arqueológico que o demonstre nem registo epigráfico que o ateste.

## 2. O COMPLEXO RELIGIOSO

A plataforma, onde está implantado o complexo religioso e o corredor porticado, é suportada por uma construção subterrânea designada por criptopórtico-cisterna. A descoberta desta construção foi feita no início do século XVI, por Duarte de Armas que anota no seu «Livro das Fortalezas» o seguinte: «aquí esta huã abobada atopida muyto booa» (Branco, 1997, p. 6).

Os trabalhos de escavação levados a cabo pelo C.A.M., em finais dos anos setenta do século XX, no interior desta estrutura, que «foi minuciosamente desentulhada durante cinco anos» (Torres & Silva, 1989, p. 31), revelaram uma galeria com um papel essencialmente estrutural, de contenção e suporte da plataforma de implantação do fórum. Assim, no seu lado norte, para suportar maiores pressões numa amplitude mais vasta, o desnível era compensado por um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e alturas médias de, respetivamente, 2,70 e 5,80 (Torres & Oliveira, 1987, p. 618). Equaciono, contudo, que esta galeria teve, no início, várias funções: serviu como elemento estruturante de apoio e sustentação do complexo religioso, integrou o sistema defensivo da cidade e funcionou como local de armazenamento de mercadorias, dadas as temperaturas amenas do interior da galeria durante os meses de Verão.

Nos últimos trinta anos, as escavações da Acrópole puseram a descoberto um conjunto de construções

do complexo religioso. Este é constituído pela sala do batistério, um compartimento anexo, situado a norte, uma passagem em cotovelo e um espaço que ladeia a abside; a sul e a norte é delimitado por um compartimento de planta basilical e uma galeria porticada. Este complexo batismal implantou-se na parte noroeste da plataforma artificial onde se teria possivelmente localizado o *forum* da cidade de *Myrtilis*. Este grande edifício, de planta retangular, continha no seu interior um batistério octogonal implantado no centro de um tanque ou piscina rodeado por um deambulatório. Partindo do espaço central abre-se a leste uma abside de planta em arco ultrapassado onde marcas no solo indicam a possível localização de uma mesa de altar. O pavimento da galeria porticada e o deambulatório estavam cobertos por um belo tapete de mosaicos, do qual se conservam alguns fragmentos.

A pia batismal, com um ressalto em degrau que serviria de assento, é sustentada pelo exterior por oito pequenos absidiolos. A água trazida da encosta do castelo penetrava na pia por uma canalização de chumbo e jorrava no alto de um pequeno pináculo cravado no centro. Alguns lances de degraus permitiam o acesso ao tanque e à pia batismal completamente revestidos com placas de mármore e envolvidos por uma cancela.

Este batistério tem algumas semelhanças técnicas e formais com exemplares da França mediterrânica, do Norte da Itália e de Cartago na Tunísia – todos datados entre os séculos IV e VII. Contudo, é no batistério de Ljubljana (Emona, Eslovénia) que são mais notórias as semelhanças construtivas, tendo os autores que estudaram este conjunto batismal e o pórtico anexo, situado a sua cronologia por volta do século V d.C.. Na costa italiana da Ligúria um complexo batismal, também com elementos semelhantes ao de Mértola, é atribuível a meados do mesmo século (3. 4).

Associado ao espaço batismal existe um significativo conjunto musivo, de que fazem parte várias representações mitológicas entre as quais, é de realçar no deambulatório do batistério, um Belerofonte cavalgando o Pégaso para matar a Quimera e, no longo corredor porticado, dois leões afrontados e várias cenas de caça com um cavaleiro empunhando um falcão (Lopes, 2003). Procurando os paralelos para estas representações, não podemos deixar de referir uma pequena capela perto de Hergla, na Tunísia, onde foi descoberto um mosaico em que também

são representados dois leões afrontados e uma cena de caça com falcoaria, conjunto datado do século VI d. C. (Figura 4).

Nos meses de junho e julho de 2013 a equipa do CAM iniciou uma escavação arqueológica na encosta do Castelo de Mértola, que tinha como objetivo a compreensão da sequência ocupacional daquela área. O edifício, onde se insere esta estrutura octogonal, encontra-se em fase de escavação, no entanto, os elementos existentes permitem-nos estimar as suas dimensões interiores: comprimento máximo 23 m e largura 7,75 m.

Apiscina tem uma largura exterior máxima de 4,80 m, a profundidade máxima é de 1,52 m, sendo de 1,16 m de profundidade até ao orifício do desaguio. Interiormente, estrutura-se em degraus com distinta altura, sendo o fundo constituído por duas placas de mármore que formam um octógono irregular (Figura 5). Em termos de ato batismal existem duas possibilidades documentadas em Mértola. A este respeito C. Godoy Fernández refere: «Desde épocas paleocristãs, a tradição antiquíssima das primeiras comunidades tinha mostrado sempre uma predileção pela imersão completa dos catecúmenos que, naquele tempo, se realizava em fontes de água viva, imitando o baptismo de Jesus no Jordão. Mas também em épocas mais recentes se autorizou o rito de aspersão em caso de não se dispor de melhores condições» (Godoy Fernández 1989, pp. 607-635). E existem também casos, segundo esta autora, em que o ritual poderia ser misto.

### 3. O SUBURBIUM

Os principais locais de enterramento da Antiguidade Tardia situavam-se fora de portas, no *suburbium*, junto às principais vias de ligação a *Pax Iulia*.

Os dados referentes aos espaços de culto funerário da Antiguidade Tardia, que foram descobertos na antiga cidade de *Myrtilis*, advêm, essencialmente, dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em monumentos que se encontram, atualmente, em situações distintas de conservação e usufruto: em primeiro lugar, a necrópole da Achada de S. Sebastião e a basílica paleocristã do Rossio do Carmo - ambos os casos foram escavados, musealizados e realizado o respetivo estudo monográfico; em segundo lugar, dois sítios de escavação situados na Rua Afonso Costa, um no subsolo da antiga ermida de Santo António, dita dos Pescadores, onde atualmente

se encontra o Cineteatro Marques Duque e ainda o mausoléu (Figura 6).

### 4. O MAUSOLÉU

Nos anos de 2008 e 2009, as intervenções arqueológicas levadas a cabo no eixo comercial da Vila de Mértola revelaram uma imponente construção. O monumento corresponde a uma construção com um comprimento máximo de 14 m e uma largura de 9,5 m, conservando as criptas alçados com uma altura máxima que rondava 1,78 m e, nas paredes, a cerca de 1,4 m de altura, foram observados vestígios do arranque de duas abóbadas de berço. As criptas possuíam, a nível dos pavimentos, quatro sepulturas de contornos retangulares, com uma orientação nascente-poente. Na parte central da cripta conserva-se uma sepultura intacta, coberta por uma argamassa em *opus signinum*, semelhante aos enterramentos coevos de Mértola.

Os elementos de arquitetura decorativa de grandes dimensões, como um cimácio e um fragmento de coluna, bem como a considerável dimensão das estruturas associadas às criptas, levam a colocar a hipótese de que, pudesse haver um segundo piso cujo acesso poderia ser feito pelo exterior, na parte norte das estruturas. Das camadas de revolvimento, existentes no interior das criptas, verificou-se a existência de argamassa com vestígios de pintura e restos de mosaico.

As informações epigráficas de que dispomos (um epitáfio em grego e outro em latim) apontam para dois enterramentos de jovens adultos, um masculino, com o nome Pedro e com 18 anos de idade, e um outro, do qual não se conhece o nome, que viveu 17 anos, apontam para uma ocupação do espaço situada pelo menos entre os anos 522 (?) e 566 (Lopes, 2014).

### 5. BASÍLICA DO CINETEATRO

A mais antiga referência histórica a este edifício provém da obra de Estácio da Veiga, intitulada *Memórias das Antiguidades de Mértola*, publicada em 1880. O autor refere o «limitado reconhecimento que empreendi junto à valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo Antonio» (Veiga 1983, p. 117). e terem ali aparecido três epitáfios funerários, gravados em placas de mármore.

As intervenções arqueológicas desenvolvidas no local no século XXI, contribuíram para a identifica-

ção das paredes que, possivelmente, delimitavam o edifício e o dividiam, interiormente, em três naves, tendo a nave central, mais larga, no seu eixo central interior, uma abside. Pelos vestígios observados, depreendo a existência de um templo com dimensões que rondariam os 22 m de comprimento e os 15 m de largura, com a nave central com cerca de 6 metros de largura e as naves laterais com 4 m de lado. O espaço coberto deveria rondar os 330 m<sup>2</sup>. A proposta planimétrica que apresento, de uma igreja com três naves e duas absides afrontadas, baseia-se na probabilidade de estarmos em presença de um templo relativamente simétrico e compartimentado interiormente, como a maior parte dos edifícios religiosos coetâneos.

A escavação arqueológica não nos permitiu saber quando é que a basílica e a necrópole deixaram de funcionar, contudo, apesar das indicações epigráficas nos remeterem para um intervalo situado entre 465 e 518, é perfeitamente admissível que a sua construção se iniciasse em meados do século V, tendo-se prolongando a sua utilização pelas centúrias seguintes.

## 6. A BASÍLICA DO ROSSIO DO CARMO

Este local foi utilizado como necrópole na Idade do Ferro e no período romano e supõe-se ter existido nesta zona uma área cemiterial desde o século IV a.C., hipótese sustentada pela lápide funerária que estava a ser reutilizada e servia de tampa de uma sepultura paleocristã com «escrita do sudoeste», encontrada nas obras efetuadas em 1993. Posteriormente, o Rossio do Carmo teve uma necrópole de inumação (a partir do final do século I d. C.). A localização junto à via enquadra-se dentro de numa prática comum que estabelecia que, ao passar pelo local dos enterramentos cada um devia prestar constantes homenagens aos seus falecidos antepassados. Esta zona cemiterial antecede a futura basílica ocupando as sepulturas, já no século V, uma área considerável da zona onde se implantaria o templo. Segundo Manuela A. Dias, as inscrições funerárias encontradas no local permitem com segurança, atestar uma ocupação contínua entre, pelo menos, os anos 462 e 729 d.C. (Dias & Gaspar 2006, p. 135).

Tratava-se de uma igreja de três naves, com sete traços separados por colunas e com duas absides contrapostas, semicirculares e que eram ressaltadas em relação ao corpo do edifício.

Segundo aquilo que os vestígios arqueológicos per-

mitem calcular, a basílica teria cerca de 31,5 m de comprimento por 16 m de largura interior, sendo o comprimento máximo das naves laterais 23,8 m. (Macias, 1993, p. 39). Quanto aos sistemas construtivos trata-se de um edifício em alvenaria de pedra argamassada, com espessas camadas de reboco de cal. Este edifício revela uma funcionalidade funerária em quase todo o espaço interior, bem como nas áreas adjacentes, onde se localizam sepulturas em fossa, escavadas na rocha. A cobertura destes túmulos era feita com *opus signinum* e, em alguns casos, identificados com uma lápide funerária. O conjunto de lápides estudadas por Manuela A. Dias revela não só questões de natureza cronológica ou estilística mas, também, dados de natureza social e geográfica. Através do seu estudo ficou provada a presença em Mértola de várias comunidades humanas oriundas de todo o Mediterrâneo (Dias, 1993, p. 103).

## 7. O PORTO

Na área ribeirinha as estruturas monumentais inscrevem-se na Antiguidade Tardia e são testemunho da importância que a zona portuária possuía nessa época. De todo o conjunto monumental de muralhas existentes, a Torre do Rio (também chamada torre couraça) é paradigmática das técnicas construtivas do período tardo-romano (Fig. 7). A torre do rio foi declarada Monumento Nacional em 1910 sendo, na linguagem popular, o monumento designado por “ponte romana”.

No que concerne a funcionalidade desta estrutura, três hipóteses deverão ser consideradas. Uma das utilizações poderá estar relacionada com a defesa da cidade, de forma a permitir a ligação entre a muralha e o rio, para um melhor aprovisionamento de água, mesmo em situações de assédio militar. Uma segunda, complementar da primeira, relaciona-se com o controlo da zona portuária, como refere Vitruvius, no Capítulo XII do Livro Quinto do clássico *De Architectura*, “(...) os portos prestarão naturalmente os melhores serviços se estiverem bem situados e possuírem espigões ou promontórios salientes, a partir dos quais, para o seu interior e segundo a natureza do local sejam formados ângulos ou curvaturas. (...) De um e de outro lado dos portos deverão ser erguidas torres, a partir das quais, por meio de máquinas, se possa passar correntes de ferro de um lado ao outro” (Maciel, 1996, pp. 325-326). Esta referência à existência de sistemas de proteção dos

portos através de correntes metálicas que, esticadas, na zona da barra e/ou entre as margens, impediam o livre movimento dos navios em certas áreas dos portos fluviais, é uma situação que se adapta perfeitamente ao caso em estudo. Outra hipótese é poder estar relacionada com algum mecanismo de elevação (grua) que pudesse servir para a descarga de barcos, encaminhando os produtos pela parte superior, ganhando assim altura para poder vencer o desnível da zona junto ao rio em relação à cota da muralha; como o aparelho das torres se encontra, atualmente, destruído na sua parte superior, não é possível proceder à confirmação arqueológica desta hipótese de funcionalidade (Figura 8).

No que se refere às técnicas de construção, a fábrica da torre é claramente idêntica à que foi adotada na construção do criptopórtico. Temos, assim, *um terminus ante quem* para a construção do criptopórtico proporcionado pela pavimentação dos espaços com mosaicos, para os quais os paralelos existentes se situam maioritariamente no século VI d.C. (Fig.9).

Concluimos, portanto, que o monumento está localizado num espectro cronológico entre os finais do século III, data posterior à utilização da ara votiva aqui encontrada, e o século VI, limite cronológico atribuído à aplicação dos pavimentos musivos existentes sobre o criptopórtico do complexo religioso de Mértola.

A ligação do burgo ao rio deveria ser feita, em período romano e posteriores, pela Porta da Ribeira. Esta, como é visível no desenho de Duarte D'Armas, era constituída por uma porta em cotovelo, encimada por um torreão, demolido nos meados do século XIX (Boiça, 1993, p. 59). O único acesso da cidade ao rio fazia-se, então, pela designada porta da ribeira, lógica funcional que será apenas alterada nos anos 30 do século XX, quando se leva a cabo a construção do atual cais e se abre uma estrada que liga esta estrutura portuária à vila. Com esta remodelação urbanística também o local de passagem do rio foi alterado. A construção do cais leva a que, nas suas imediações, se instale a ponte barca, que vem substituir a velha travessia do Guadiana feita junto à Torre do Rio.

## 8. CONCLUSÕES

A partir do século IV d.C., desmembrado o Império e dificultadas as ligações terrestres e marítimas anteriores, apenas algumas cidades-estado mantêm uma certa vida urbana. É o caso de Mértola, onde a

descoberta de duas importante basílicas funerárias, contendo, inclusive, lápides escritas em grego, e dois baptistérios, importantes pela dimensão das suas estruturas e pelo seu conjunto musivo, não só comprovam a existência na cidade de uma próspera comunidade de mercadores do Mediterrâneo oriental, ativa durante os séculos V, VI e VII, como nos sugere que a navegação pelo Guadiana e o comércio marítimo nunca foram interrompidos (Torres, 1998, pp. 7-8) e mantiveram o fulgor económico da localidade. Conhecemos relativamente bem os espaços funerários, a grande basílica do Rossio do Carmo, a do cine-teatro e ainda o mausoléu, templos que albergavam enterramentos no seu interior e no espaço envolvente. Estes locais proporcionaram um importante acervo epigráfico, testemunho de uma elite, onde se incluem epitáfios em latim, em grego e também com simbologia hebraica. A cidade de *Myrtilis* foi uma importante urbe que a partir da segunda metade do século V e durante os séculos VI-VII gozou de prosperidade como o traduzem os vestígios arqueológicos postos a descoberto nas últimas décadas, e que continuam a surpreender-nos com novos achados.

Mértola, Junho de 2017

## BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1988) – *Roman Portugal*, Vol. II, Fas.3. England: Aris & Phillips LTD, Warminster.

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América.

ALBIOL LÒPES, Esther (2013) – Una Pintura De Ststre De L'antiguitat Tardana Al Batisteri De Barcelona, «*Quarhis Quaderns D'arqueologia I Història De La Ciutat De Barcelona*», Epoca II, Núm. 9, 164-183.

ALMEIDA, Fernando de (1976), “A ruínas da chamada ponte romana de Mértola (Portugal)”. *Madrider Mitteilungen*, 17, 295-300.

ARRUDA, Ana Margarida; BARROS, Pedro; LOPES, Virgílio. (1998) – “Cerâmicas áticas de Mértola” *Conímbriga*, XXXVII, 121-149.

ARRUDA, Ana Margarida (1997) – *As cerâmicas áticas de Castro Marim*. Lisboa: Edições Colibri.

BARROS, M<sup>a</sup>. de Fátima Rombouts de; BOIÇA, Joaquim; GABRIEL, Celeste. (1996) – *As comendas de Mértola e Abria Ruiva – As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

BOIÇA, Joaquim (1993) – “Topografia Histórica de Mértola” *Arqueologia Medieval*, 3, 47-59.

- BOIÇA, Joaquim; BARROS, M<sup>a</sup>. de Fátima Rombouts de (2011) – A Igreja Matriz De Mértola. In MACIAS, Santiago, et al., *Mesquita Igreja de Mértola Mértola: Campo Arqueológico de Mértola*. 33-88.
- BOUNEGRU, Octavian; ZAHARIADE, Mihail (1996) – “Ports et Aménagements Portuaires”. *Le Forces Navales du Bas Danube et de la Mer Noir aux. I<sup>er</sup> – VI<sup>e</sup> Siècles* (82-83). Oxford.
- BOURGUET, Pierre du (1965) – *La Peinture Paléo-Chrétienne*, Port Royal, 3, Suíça.
- CAMACHO MACIAS, Aquilino. (1988) – *EL Libro de Las Vidas de Los Santos Padres de Mérida*, Mérida.
- DELGADO, António (1871) – *Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*, 4 vols. Sevilla: Ed. Círculo Numismático.
- DELGADO, Manuela (1992) – “Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente”. *Arqueologia Medieval*, 1, 125-133.
- DIAS, M. Manuela Alves (1993) – Epigrafia, In MACIAS, Santiago, et al., *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 102-138.
- DIAS, M. Manuela Alves; GASPAS Catarina (2006) – *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português (Ciptp)*, Centro de Estudos Clássicos UL, Lisboa.
- DIAS, M. Manuela Alves; GASPAS Catarina; LOPES, Virgílio (2013) – Mértola En La Antigüedad Tardía: Nuevos Datos Arqueológicos y Epigráficos, «Habis» 44, Universidad de Sevilla, p. 247-267.
- DUARTE DE ARMAS (1990) – *Livro das fortalezas de Duarte de Armas. Estudo introdutório de Manuel da Silva Castelo Branco*. Lisboa: INAPA; Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 20, (136) p. ISBN 972-9019-26-2. Exemplar existente Torre do Tombo, Biblioteca 143/93.
- FABIÃO, Carlos (1987) – “Ânforas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etнологia”. *O Arqueólogo Português*, 5, 125-148.
- FABIÃO, Carlos (1992) – *A romanização do actual território português. História de Portugal, (MATTOSE, José Dir.)* Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores. 202-203
- FERNANDES, Edegar M. C. M. (2012) – *Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana (séculos V a VII)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- GARCÍA MORENO, Luís Agustim (1999) – “La ciudad en la antigüedad tardía (siglos V a VII). *Complutum y las ciudades hispanas en la antigüedad tardía: actas del I Encuentro Hispania en la antigüedad tardía*. (GARCÍA MORENO, Luís Agustim RASCÓN MARQUÉS, Sebastian Eds), Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 7-23.
- GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1989) – Baptisterios Hispánicos (Siglos IV al VIII): Arqueología y Liturgia. «*Actes Du XI<sup>e</sup> Congrès International D’archéologie Chrétienne*» (Vol. 1, Rome: Ecole Française, p. 607-635.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006) – *Cerámica islámica de Mértola: producción y comercio*. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. em <http://eprints.ucm.es/7087/> (Consulta 28-5-2017)
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2011) – Intervenção Arqueológica na Mesquita-Igreja Matriz de Mertola, In MACIAS, Santiago et al., *Mesquita Igreja de Mértola Mértola: Campo Arqueológico de Mértola*, 89-104.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio (2008) – “La Torre del Río de Mértola. Una estructura portuaria tardorromana”. *Strutture e insediamenti antichi e medievali funzionali alla viabilità commerciale terrestre e marítima. Atti del Convegno*. Roma, 4 Aprile 2008. Roma: Pieraldo Edicione. p. 15-25 + Tav. I-VII.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; TORRES, Cláudio; LOPES, Virgílio; PALMA, Maria de Fátima; REIMÃO COSTA, Miguel (2016) – “Mértola e o Guadiana. Uma charneira entre o mar e a terra”. *Entre Rios e Mares: um Património de o V da Rede BrasPor*. (Cancela da Fonseca, L. et alii Eds) Rio de Janeiro. 179-182. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oB6sP81MfpdgSYkNRYmVrV2hVckk/view> (Consulta. 28-5-2017).
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Enrique (Ed.) (2005) – *Imago antiqua: Lugo romano*. Lugo: Ayuntamiento.
- IDACIO (1974) – *Chronique (Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy)*. Paris: Ed. du Cerf.
- IDACIO (1984) – *Idacio, Obispo De Chaves, Su Cronicón. (Introducción, Texto Crítico, Versión Española y comentario por Julio Campos, Sch. P.)*. Salamanca: Ediciones Calasancias.
- LOPES, Virgílio (1993) – Materiais Arqueológicos, In MACIAS, Santiago, et al, *Museu de Mértola Basílica Paleocristã, Campo Arqueológico de Mértola*, Mértola, p. 66-100.
- LOPES, Virgílio (1999) – “A necrópole da Achada de S. Sebastião. *Museu de Mértola: a necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 79-99.
- LOPES, Virgílio (2003) – *Mértola Na Antigüidade Tardia, Campo Arqueológico de Mértola*, Mértola.
- LOPES, Virgílio (2006) – “O território de Mértola e as vias de comunicação no período romano”. *Actas das I Jornadas As vias do Algarve São Brás de Alportel*: Câmara Municipal, 46-53.
- LOPES, Virgílio (2008) – O Edifício Religioso Da Antigüidade Tardia, In GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Alcáçova do Castelo De Mértola 1978-2008 Trinta Anos De Arqueologia*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola, p. 11-21.

- LOPES, Virgílio (2009) – “*As necrópoles de Mértola no mundo romano até à Antiguidade Tardia*”. *Morir en el Mediterraneo Medieval*. Oxford: British Archeological Report. p. 31-58. URI: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/1755>. (28-5-2017).
- LOPES, Virgílio (2012) – *Museu de Mértola. Casa Romana*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- LOPES, Virgílio (2014) – *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidade de Huelva. Dissertação de Doutoramento. Disponível em <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/8053>>, [Consulta realizada em 29/8/2016].
- LOPES, Virgílio; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; & RAFAEL, Lúgia (2012) – *Museu de Mértola. Arrabalde Ribeirinho*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, Santiago (1993) – “Um Espaço Funerário”, In MACIAS, Santiago, *et al.*, *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 30-62.
- MACIAS, Santiago (2006) – *Mértola – O Último Porto Do Mediterrâneo*, 3 Vols., Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MACIAS, Santiago & TORRES, Cláudio (2011) – Mesquita de Mértola. In MACIAS, S., *et al.*, *Mesquita Igreja De Mértola Mértola: Campo Arqueológico de Mértola*, 9-31.
- MACIEL, M. Justino (1996) – O Livro V De Architectura de Vitruvio. In MACIEL, M. J. *Homenagem Ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa: Colibri, 325-326.
- MANTAS, Vasco (1997) – *Os caminhos da Serra e do Mar. Noventa séculos entre a terra e o mar (331-326)*. Lisboa: IPPAR.
- MORILLO CERDÁN, Angel, HERAS Y MARTÍNEZ, César, M., DURÁN CABELLO, Rosalía-María (2007) – “La muralla tetrárquica de Legio: aproximación al conocimiento de un sistema constructivo”. *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lucus Augusti como paradigma Lugo* (RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio; RODÁ DE LLANZA, Isabel Eds), Diputación Provincial, 381-399.
- PAVÓN MOLDONADO, Basilio (1993) – *Ciudades e fortalezas lusomusulmanas*. Madrid: M.A.E., Agencia Española de Cooperación Internacional, Instituto de Cooperación con el Mundo Árabe.
- RICARD, Robert (1954) – Couraça et coracha. *Al-Andalus: revista de las Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada*, vol. XIX, 150-172.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel (1975) – *Itineraria Hispana: fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Valladolid.
- RUIZ ACEVEDO, Juan Manuel (1998). *Las vías romanas en la Provincia de Huelva*. Huelva: Diputación Provincial.
- SEVILLANO FUERTES, M. Ángeles (2007) – “La muralla romana de Astorga (León)”, *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lucus Augusti como paradigma*, (RODRÍGUEZ COLMENERO Antonio; RODÁ DE LLANZA, Isabel Eds.), Lugo, 2005, 343-347.
- SIMPLÍCIO, Cândida; BARROS, Pedro; GARCIA Ana Cartarina (1999) – “Prospecções arqueológicas no rio Guadiana-Porto de Mértola”. *Almadan*, n. 8, 54-62.
- SIMPLÍCIO, Cândida.; BARROS, Pedro; LOPES, Virgílio. (2003) – “O porto romano de Mértola”. *IV Jornadas de Arqueología Subacuática, Puertos fluviales antiguos: ciudad, desarrollo e infraestructuras : actas, Valencia, 2001*. [Valencia]: Universitat de València, Departament de Prehistòria i d’Arqueologia, 35-48.
- TORRES, Cláudio (1992) – “Povoamento antigo no Baixo Alentejo: alguns problemas de topografia histórica”. *Arqueologia Medieval*, n. 1, 197-198.
- TORRES, Cláudio (1998) – “*O Guadiana: envolvimento histórico*. *Odiana*, [Faro]: Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 8-12.
- TORRES, Cláudio; OLIVEIRA, José Carlos (1987) – O Criptopórtico-Cisterna da Alcáçova de Mértola. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española*, Madrid, 1987.. Madrid: [Comunidad de Madrid] T. II, p. 617-626.
- TORRES, Claudio; SILVA, Luís A (1989) – *Mértola Vila Museu*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- VALENTE, Jorge P., *et al.* (1982) – “Ara votiva de Mértola”. *Ficheiro Epigráfico*, n. 1, Coimbra, 3-5.
- VEIGA, Sebastião Ph. Estácio da (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola. Edição fac-similada de 1880*. Lisboa / Mértola: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Câmara Municipal de Mértola.
- VIANA, Abel (1947) – “Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo”, *Arquivo de Beja*, vol. 4, 3-39.
- VIANA, Abel. (1960) – Notas históricas e arqueológicas do baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, vol. 17, 139-229.
- VITERBO, Sousa (1988) – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses (vol. 1)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



Figura 1 – Vista geral de Mértola e do Rio Guadiana.

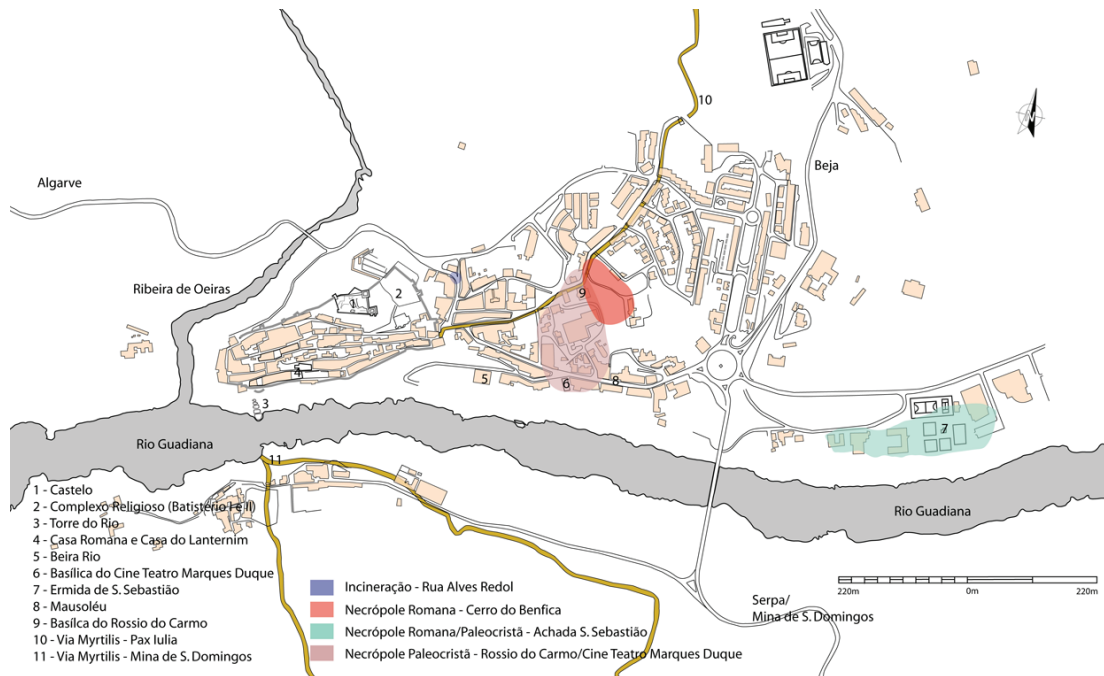


Figura 2 – A topografia histórica de Mértola (Desenho Nélia Romba).

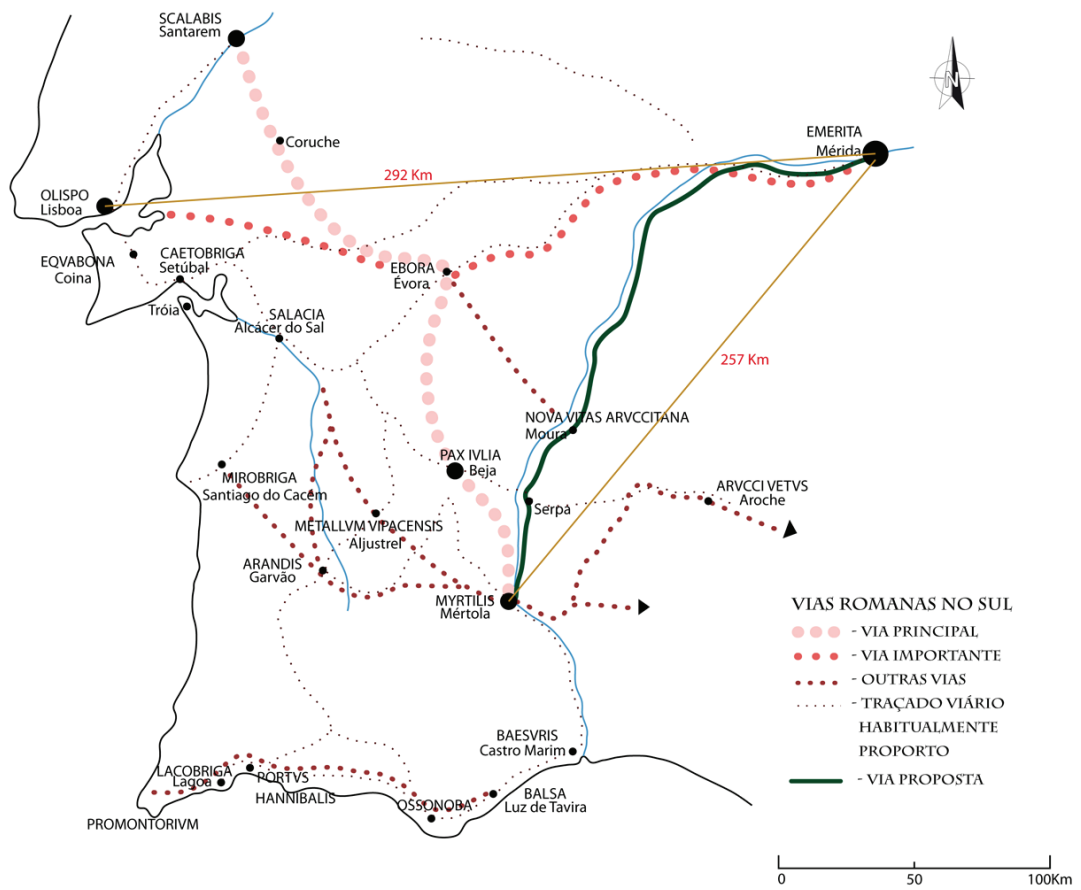


Figura 3 – As principais vias romanas do sudoeste peninsular (Desenho Nélia Romba).



Figura 4 – Planta do complexo religioso (Desenho Nélia Romba).



Figura 5 – Mosaicos do complexo religioso.



Figura 6 – Baptistério II.

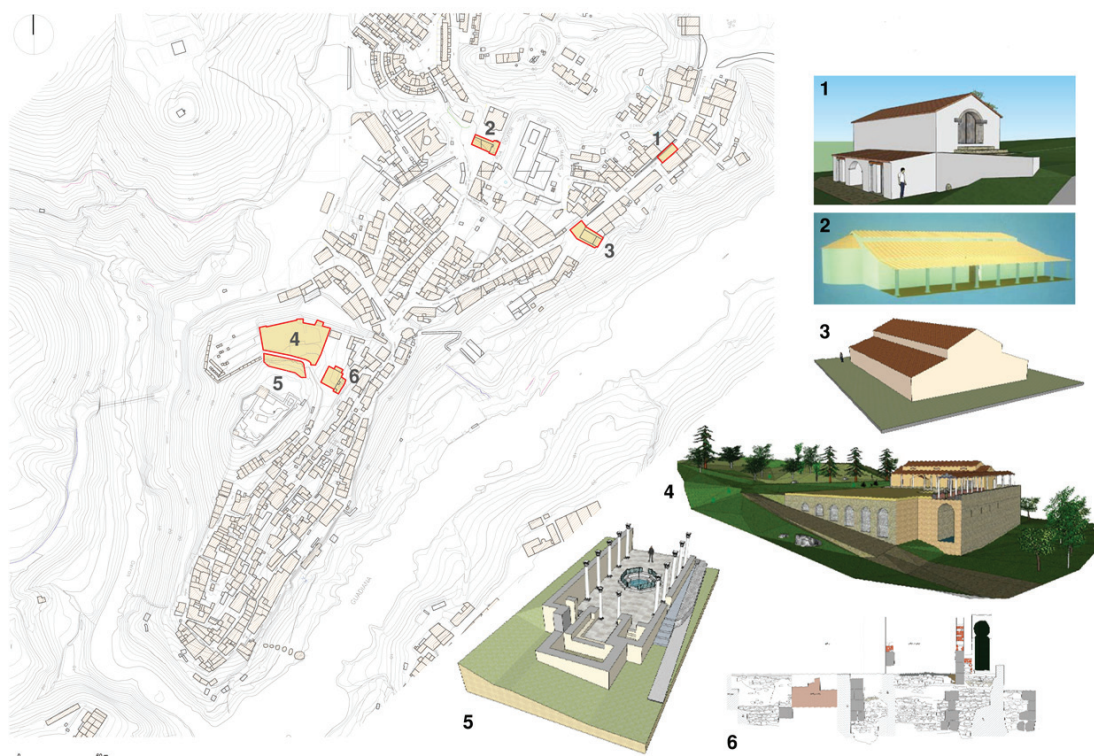


Figura 7 – A topografia religiosa de Mértola (1 – Mausoléu, 2 - basílica do Rossio do Carmo, 3 – basílica do Cine-teatro, 4 complexo religioso e batistério I, 5 – batistério II, 6 templo anterior à mesquita) (Desenho Carlos Alves).



Figura 8 – Torre do Rio.



Figura 9 – Planta e alçados da Torre do Rio (Desenho Carlos Alves).

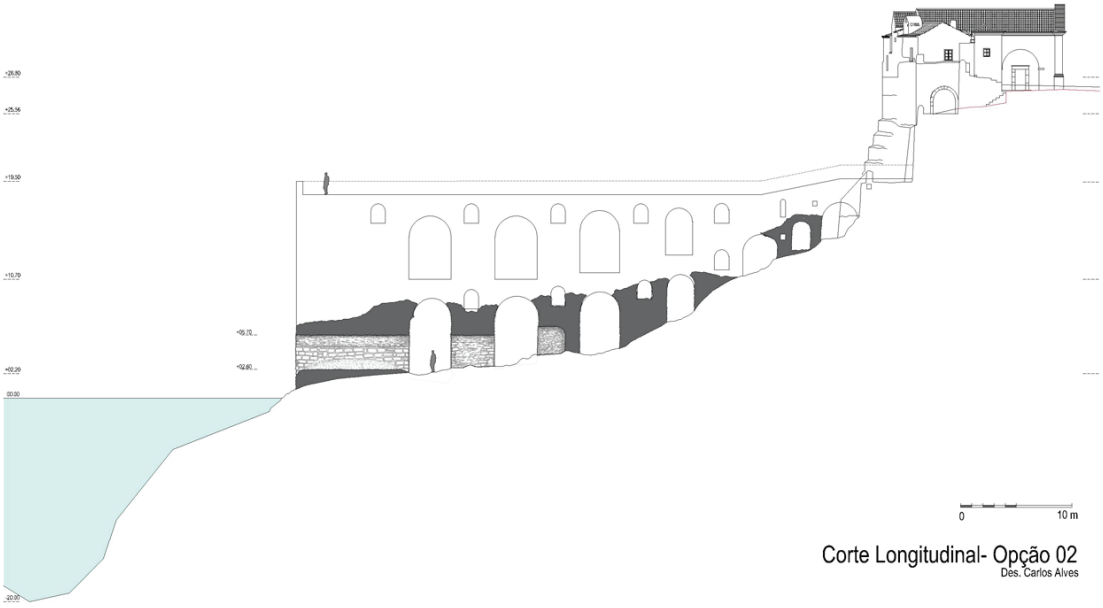


Figura 10 – Proposta de reconstituição volumétrica da Torre do Rio (Desenho Carlos Alves).





Patrocinador oficial